

TÍTULO: FAIXAS MÓVEIS NEOPROTEROZÓICAS. VERSÃO GLOBAL**AUTOR(ES): NEVES, B. . B. B.****INSTITUIÇÃO: INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO**

As faixas principais faixas móveis do mundo cumpriram história completa de um "branching system of orogens" que consubstanciou gradativa e diacronicamente a fusão de um Supercontinente, o Gondwana. Nestes termos, não há exemplo mais completo de um superciclo continental (sentido de Murphy & Nance). Isto se processou desde o Criogeniano (ca. 850 e até pouco antes) até o Eo-Ordoviciano (ca. 480Ma).

A fissão diacrônica de Rodinia produziu diversos tipos de fragmentos litosféricos (grandes, intermediários e pequenos) de substrato epigrenvilliano e mais antigo que estiveram separados por braços de oceanos de diversas dimensões (ANKET, Adamastor, Trans-Sul-Americano-Brasilides etc.), subsidiados por aulacógenos e por sistemas de riftes (os sítios da sedimentação brasileira). Alguns destes descendentes se reuniram/interagiram para formar Gondwana, fazendo desaparecer os espaços baciais entre eles. Dos rifteamentos originais (900 Ma?) e início das interações (ca. 880 Ma, o mais antigo registro) até as fases de colapso e extrusão (520-480 Ma) decorreu uma história multifacetada, de vários protagonistas tectônicos (terrenos diversos), e essencialmente diacrônica de vários tipos orógenos, em natureza, forma, dimensões (acrescionários, colisionais, transpressoriais), posição, relação com as coberturas dos crátons/placas interagentes.

Hoje, do oeste da América do Sul até a Antártica, estão os registros desses fragmentos litosféricos (nascidos da cissiparidade de Rodínia) e desses processos orogênicos. Desde simples e isolados exemplos de arcos magmáticos até complexos e extensos domínios acrescionários. De simples orógenos lineares produzidos pela inversão de margens continentais até complexas tramas em mosaico de diversos tipos de zonas acrescionárias e colisionais, ressetados por importantes zonas de cisalhamento. Os nomes variam (Brasiliano, Pan-Africano, Cadomiano, Patterson, Petermann, Ross-Delameriano etc.), os continentes hoje são outros, mas o amplo contexto é o mesmo (um ciclo supercontinental) e a interpretação isolada invariavelmente será inconclusiva.

Três estágios de coberturas com glaciações (D-QPC), unidades pelítico-carbonárias importantes da periferia (e do interior) das grandes massas cratônicas, sistemas vulcano-sedimentares distais terrígenos com turbiditos, remanescentes ofiolíticos (geralmente desmembrados) etc. são feições válidas para América do Sul e para a Austrália. Interessantes exemplos de desenvolvimentos "intra-cratônicos", aqui e lá desafiam os tectonistas e fazem germinar modelos alternativos de evolução..

Há outras características pós-fusão interessantes, de contextos bem preservados ("orogenic belts") onde litoestratigrafia é arma poderosa, contrapondo-se com amplos contextos vestigiais, onde a supressão erosiva expõe raízes do desenvolvimento. A participação de "basement inliers" (várias possibilidades de causa e natureza) com contingentes lito-estruturais até do arqueano -intensamente retrabalhados- é outra característica especial e comum, gerando outro tema/desafio importante para o avanço da Tectônica Global.

A tafrogênese e dispersão Eo-Paleozóica desta aglutinação de massas gerou vários rifteamentos, oceanos e braços de oceanos (Iapetus, Rheic etc) cuja história sedimentar e orogênica traçou os pilares do conhecimento geológico da humanidade. As bacias sedimentares intracratônicas dos blocos (sucédâneos da dispersão) receberam notável herança tectônica dessa estruturação gerada e realçada na história do Gondwana.